**LINGUAGEM E MEMÓRIAS: UMA INTER-RELAÇÃO**

Cássia da Silva

(Doutoranda, UERN, cassia\_silv@hotmail.com)

Maria Lúcia Pessoa Sampaio

(Professora, UERN, malupsampaio@hotmail.com)

Em si mesmo e por si mesmo a memória é subjectiva. Ao mesmo tempo, contudo, a memória é estruturada pela linguagem (...) Isso faz com que a memória seja também social (*Fentress e Wickham*, 1992, p. 07).

**Resumo:** Os estudos que se referem à temática da memória em nosso país vêm ganhando ênfase nas diversas linhas de pesquisas que envolvem a Psicologia, as Ciências sociais, a Educação e até mesmo as Ciências da informação. Na macroárea das Letras já se denota grande preocupação dos estudiosos dessa área em trabalhos de análises das memórias em discursos escritos e transcritos. Nesse sentido, se faz pertinente questionar: De que forma os programas de pós-graduação em Letras vêm inserindo a temática das memórias em suas linhas de pesquisa? Para respondermos tal questionamento, a pesquisa aqui visa a compreender como se relaciona memória e linguagem em cursos de mestrado e doutorado que trabalham com o tema em questão. Utilizando de uma pesquisa bibliográfica, contamos com as teorias de Horochovski (2013), Lira (2012), Simson (2003) e Nora (1993) que nos auxiliam a entender como as memórias se concretizam na linguagem e como ambas são essenciais a nossa condição humana.

**Palavras-chave:** Linguagem, memórias, Letras.

**INTRODUÇÃO**

A macroárea das Letras é uma área do conhecimento que hoje envolve inúmeras linhas de pesquisas que vão desde os estudos linguísticos e de funcionamento da língua, passando pelos estudos funcionais e sociais da comunicação e da interpretação de textos e discursos, até chegar aos estudos literários e psicanalíticos com ênfase na linguagem e nas suas diversas vertentes de interpretação.

Dessa forma, nas Letras, na medida em que os estudiosos aprimoram e criam novos conceitos e novos modelos metodológicos, a inserção de uma dinâmica de interdisciplinaridade e de transdisciplinaridade se concretiza nesses aprimoramentos e criações.

Nessa perspectiva, interdisciplinar de investigações científicas, os trabalhos de análises de memórias vêm ganhando espaço nas Letras e sendo objeto de estudo de inúmeros pesquisadores contemporâneos. E, nesse âmbito, as memórias são de fundamental importância para as áreas que trabalham com os registros da informação, esta temática, não é objeto exclusivo de uma área de estudo e vem sendo tratado por diversos domínios do conhecimento (GONDAR e DODEBEI, 2005, p.07).

Enquanto objeto de análise, a memória é estudada pelos filósofos, neurocientistas, psicólogos, educadores, historiadores, dentre tantos outros pesquisadores que buscam compreender a interferência dos fatos passados em nosso presente, ou mesmo buscam entender o funcionamento do cérebro humano e a relação deste funcionamento com as lembranças.

Na área das Letras, já se denota também grande preocupação dos estudiosos em trabalhos de análises das memórias em discursos escritos e transcritos. Com interesse em compreender como isso está acontecendo, questionamos aqui: De que forma os programas de pós-graduação em Letras vêm inserindo a temática das memórias em suas linhas de pesquisa? Para respondermos tal questionamento, essa pesquisa apontará algumas relações entre memória e linguagem em cursos de mestrado e doutorado que trabalham com o tema em questão.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica essa, na qual contamos com as teorias de Horochovski (2013), Lira (2012), Simson (2003) e Nora (1993) que nos auxiliaram a entender como as memórias se concretizam na linguagem e como ambas são essenciais a nossa condição humana.

**Os estudos e as memórias**

Segundo Simson (2003) memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.).

Ainda de acordo com a autora existe a memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências, a memória coletiva formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de lugares da memóriaque são os monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade.

Ainda, para Simson (2003) existem as memórias subterrâneas ou marginais que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma dada sociedade. Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, obras de arte e só se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que se utilizam do método biográfico ou da história oral criam as condições para que elas emerjam e possam então ser registradas, analisadas e passem então a fazer parte da memória coletiva de uma dada sociedade.

Dessa forma, entendemos como os lugares da memória nascem e vivem quando se materializam de alguma forma. Por isso, é a partir dessa certeza de que não há memória espontânea, que mais enfatizamos a necessidade de criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notarizar atas, enfim fazer registros do que é importante, ou mesmo do que julgamos ser importante (NORA, 1993, p. 13).

Para Nora (1993), a memória ao ser registrada e materializada por meio da escrita, passa a fazer parte da história e dá lugar a uma memória arquivística, ou seja, “à constituição vertiginosa e gigantesca do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar” (NORA, 1993, p. 15).

Essa importância de registrar a memória ganhará mais destaque nos estudos científicos brasileiros a partir da década de 70 e caminhará por vários campos de estudos, inicialmente com abordagens individuais, até ser visto (nos estudos contemporâneos) como uma corrente interdisciplinar:

Falar em memória na atualidade é remete‐se a um conceito que desperta inúmeras posicionamentos teóricos e ideológicos, mas de que memória estaremos falando? Da memória social, da memória cultural, da memória étnica, ou simplesmente de memória, ignorando os esfacelamentos a que esta foi submetida?

Um grande número de trabalhos vem sendo desenvolvidos com o objetivo de explorarem os territórios da memória, trabalhos que se desenvolvem, sobretudo dentro do campo das ciências humanas e sociais, a exemplo da História, da Sociologia e da Comunicação Social (LIRA, 2012, p. 01-02).

Se as memórias podem ser objeto de estudo de todas essas áreas do conhecimento, quais linhas de pesquisa estão em ênfase quando a memória é estudada por um historiador? E por um profissional das Letras? Como a memória (que carrega em si um conceito tão singular) pode ser extratificada em tantos andaimes “diferentes” de estudos? E o que há em comum entre eles, entre os métodos de abordagem? Veremos a seguir.

**2 Os estudos das memórias: O início**

Quando estudamos “memórias”, por diversas vezes nos deparamos com relatos de historiadores que atribuem à Grécia Arcaica a divinização da memória:

Desde o tempo em que a memória era considerada um dom divino, na Grécia Arcaica, passando pelo processo de laicização - a partir do qual foram desenvolvidas as técnicas mnemônicas, pela retórica, pela ética, até o período no qual passou a ser estudada na perspectiva científica, muitos foram os pensadores e cientistas que contribuíram para melhor compreensão de seu conceito e dos fenômenos a ela relacionados.

Por muito tempo, durante a Antiguidade, a memória foi considerada algo sublime, religioso, que elevava os mortais ao mundo das divindades (OLIVEIRA e RODRIGUES, 2008, p. 03).

É desta perspectiva científica - em que os autoras contextualiza a memória pós divinização - que nomes como Bergson, Le Goff e Halbwachs, começam a aparecer e tornam-se comuns de se encontrar no percurso dos estudos essenciais da memória em contexto social. A inegável contribuição desses grandes pesquisadores franceses fez com que a temática em questão (memórias) se disseminasse por todo o mundo, quando:

* No final do século XIX, precisamente em 1896, na Filosofia, Bergson uniu corpo e mente em sua obra: **“Matéria e memória**” (1999), se aprofundando em percepção e memória numa linha neurológica de estudo;
* No final do século XX, o historiador Le Goff, traz, em sua obra: “História e Memória” (1988) uma grandiosa explanação de como a memória é objeto de poder das grandes civilizações desde a Idade Média, assim afirma o autor:

(...) a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990, p. 368).

* Ainda na vertente da memória coletiva, o sociólogo Maurice Halbwachs, inovou, na década de 40, os estudos sobre memórias quando em sua tese “postulou que o fenômeno de recordação e localização das lembranças não pode ser efetivamente analisado se não for levado em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória” (SILVA, 2013, p. 01). A partir dessa categoria social de avaliação da memória como marcadamente coletiva, Halbwachs inaugura os estudos das memórias nas Ciências sociais.

A França deixou um grande legado aos estudiosos das memórias e marcadamente nas linhas de pesquisas que envolvem “memória” no Brasil, esse legado se presentifica e se atualiza nas dissertações e teses dos programas de Pós-Graduação brasileiros em consolidação a partir da década de 70.

É desta década também o grandioso trabalho da psicóloga social Eclea Bosi, “Memória e Sociedade: Lembranças de velhos” (1979), um grande marco brasileiro no estudo das memórias de idosos. Bosi com sua tese de livre-docência, que se transformou em livro,

(...) traz uma singular reflexão feita a partir de entrevistas aprofundadas com oito pessoas idosas, maiores de 70 anos, que viveram desde a infância na cidade de São Paulo. A história da cidade é revisitada através da memória social de sujeitos que participaram de sua construção. Até aquele momento – falamos da segunda metade dos anos 70 – suas vozes e suas presenças estavam como que amortecidas. Não se falava com frequência dos velhos e, tampouco, da terceira idade. Sabíamos de São Paulo apenas através do que dizia a historiografia, em suas múltiplas versões. Nenhuma delas, porém, havia se dado conta até então da expressividade narrativa dos velhos (OLIVEIRA, 2013, p. 89-90).

Bosi inovou em todas as vertentes com essa pesquisa, pois soube unificar a categorias da psicologia social com os marcos históricos da memória coletiva de um grupo paulista, sem enfadar o leitor com uma linguagem puramente científica. Ao contrário, o livro se reveste de um tom poético sem perder a essência cientificista e humana.

Essa obra é também fonte de inspiração para os estudiosos das Letras, já que a análise empreendida por Bosi, nesse livro, ultrapassa as vertentes da psicologia e tem a linguagem como ferramenta elementar para a concretização e, consequentemente, análise das memórias dos entrevistados.

Assim, quando Oliveira (2013) afirma que na obra de Bosi: “a memória brota do embate entre a subjetividade do espírito e a exterioridade da matéria”, podemos, como estudiosos das Letras, propor uma analogia entre o nascimento da memória e da linguagem, já que esta última também se configura no interior do ser, subjetivamente, e se exterioriza na matéria oral, escrita ou mesmo gestual.

**3 As “memórias” e a Linguagem: nos Programas de Pós-Graduação brasileiros**

Numa pesquisa rápida sobre as linhas de estudos de memórias nos programas de Pós-graduação do Brasil, através da ferramenta de busca online *Google,* na primeira página da busca, encontramos os seguintes Programas:

Tabela 1 – Alguns Programas de Pós-graduação

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| IES | PROGRAMA DE MESTRADO/CURSO | LINHA DE PESQUISA | ANO DE INÍCIO DO PROGRAMA |
| FGV | O Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) | Memória e Cultura | 2003 |
| UFRPE | Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco – PGH | **Cultura, Patrimônio e Memória** | 2006 |
| UFPB | Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal a Paraíba (UFPB) | **Informação, Memória e Sociedade** | 2006 |
| UFG (Universidade Federal de Goiás) | **O Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)** da Universidade Federal de Goiás | **História, Memória e Imaginários Sociais** | Mestrado (1972)  Doutorado  (2006) |
| UFG | Programa de Pós-graduação Stricto Sensu - **Mestrado em Estudos da Linguagem (PPGEL)** | **Literatura, Memória e Identidade:** | 2011 |
| UEMA | Programa de Pós-Gradução Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Maranhão | **Literatura, Memória e Cultura** | 2015 |
| UNISINOS | Mestrado e Doutorado em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Sociedades indígenas, cultura e memória | 2010 |
| UFPI | Mestrado em História da Universidade Federal do Piauí | História, Cidade, Memória e Trabalho | 2004 |
| UFMG | Curso de Pós-Graduação em Letras da FALE/UFMG | Literatura, História e Memória Cultural (LHMC) | 1973 |
| UESB | Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade Mestrado e Doutorado, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia | “Memória, Cultura e Educação” e “Memória, Discursos e Narrativas”. |  |

(Fonte: As pesquisadoras, 2018)

Interpretando essa busca, percebemos como as pesquisas, em nosso país, que tematizam a “Memória” transitam entre os campos de estudo da História e da Linguagem. A lista ainda revela como essas linhas de investigação científica são tão amplamente interdisciplinares quanto os programas que as inserem.

Curioso é perceber que os dois cursos de Pós-graduação mais antigos dessa lista, o **Programa de Pós-Graduação em História – PPGH** da Universidade Federal de Goiás e o curso de Pós-Graduação em Letras da FALE/UFMG, surgiram quase no mesmo ano (1972/1973), se encontram em territórios aproximados geograficamente e têm como grandes linhas de estudos o diálogo entre o social, a história e a memória.

As ementas dessas respectivas linhas de estudo dos dois programas, também apontam estreitas ligações:

Tabela 2 – Ementas dos programas mais PPGH/LHMC

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| UFG (Universidade Federal de Goiás) | **Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)** | A linha de pesquisa História, Memória e Imaginários Sociais tem por objetivo problematizar a elaboração da história como forma de conhecimento e como narrativa. A memória é ordenadora da consciência e matéria-prima da história. Trata-se de problematizar a relação entre memória e história. Essa linha de pesquisa propõe-se a analisar a formação, a difusão e a apropriação de repertórios de imagens e discursos em diferentes espaços e tempos históricos. Os suportes dessas imagens e discursos encontram-se em diversas linguagens: verbal, escrita, gestual, iconográfica e simbólica, definindo as relações étnicas, de gênero e de poder. Memórias e imaginários sociais interligam-se na medida em que ambas configuram representações influentes na definição das identidades sociais (UFG, 2017). |
| Curso de Pós-Graduação em Letras da FALE/UFMG | Literatura, História e Memória Cultural (LHMC) | Ementa: Estudo das relações entre literatura, história e memória cultural, com o objetivo de investigar as articulações entre experiência vivida, ficção e organização social, bem como a constituição de acervos enquanto fontes primárias. |

(Fonte: As pesquisadoras, 2018)

Ambos os cursos, em suas respectivas linhas de pesquisa, inter-relacionam a memória e a história, numa perspectiva em que a linguagem se torna o alicerce dos discursos sociais: “os suportes dessas imagens e discursos encontram-se em diversas linguagens: verbal, escrita, gestual, iconográfica e simbólica.” (ementa 1)

Ainda que a palavra “discurso” não integre os títulos das linhas de pesquisa apontadas, ela aparece diluída nas ementas em questão, diretamente exposta na ementa 1 e de forma implícita na ementa 2, a qual propõe estudos que articulem a experiência vivida, a ficção e a organização social. Articulação essa que só será possível através dos discursos.

Nessa perspectiva de unir Discurso e Memórias, temos o Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – PPGL/UERN, com a linha: “Discurso, Memória e Identidade” que: “articula pesquisas que relacionam discurso, memória e identidade, investigando a produção de sentidos em diferentes campos discursivos, em diversos contextos sócio históricos de produção, circulação e recepção.” (PROPEG/UERN, 2018).

Visualizando essa ementa, percebemos que num programa como esse, mais explicitamente a memória se inter-relaciona e se concretiza em discurso e a ênfase que é dada a linguagem vem ao encontro dom papel fundamental que esta tem quando se trabalha memoria num deslocamento entre a memória individual e a coletiva:

As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem, a linguagem é elemento articulador entre o mundo da memória e o vivido. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem como elementos primordiais da linguagem (LIRA, 2012, p. 03).

A importância que Lira (2012) atribui à linguagem nessa afirmação dialoga diretamente com o que se espera com os trabalhos que envolvem memórias num contexto social que “as vozes (*revelando as memórias*) permitem compreender as imagens de um tempo, fundamentais para entender as do outro, o passado e o presente entrelaçados em suas lembranças” (HOROCHOVSKI, 2013, p. 22, grifos nossos). Nas memórias expostas através da linguagem se encontra a verdadeira essência da humanização: a compreensão de um ser por outro, de um tempo em outro.

**Considerações Finais**

O caráter interdisciplinar do tema “memórias” já foi enfatizado por Gondar e Dodebel (2005) quando afirmaram que as memórias são de fundamental importância para as áreas que trabalham com os registros da informação, contudo esta temática não é objeto exclusivo de uma área de estudo e vem sendo tratado por diversos domínios do conhecimento.

Nessa perspectiva, ressaltamos nesse artigo como a macroárea das Letras vem abrindo espaço para os trabalhos de análises de memórias e como essas memórias estão se constituindo (desde a década de 1970) linhas de pesquisa em Programas de Pós-graduação brasileiros.

A inter-relação entre Memória, Discurso e Linguagem também foi discutida nessa pesquisa. E por intermédio de analogia da condição humana, estreitamos aqui as semelhanças entre o nascimento da memória e o da linguagem, visto que ambas se configuram no interior do ser, subjetivamente, e se exteriorizam na matéria oral ou escrita. Há mais similitudes entre memórias e linguagem do que se pode traçar, e a conexão entre essas duas faculdades humana vai muito além da mera condição de uma ser instrumento de manifestação da outra.

**Referências**

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos).

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

# **FGV. Programa de Pós-Graduação em História – PPGH** da Universidade Federal de Goiás. Linhas de pesquisa (2017). Disponível em: ‹ https://pos.historia.ufg.br/›. Acesso em 24 de setembro de 2018.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera (orgs.) **O que é memória social?**Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Terezinha Marisete. **Memória de morte e outras memórias**: lembranças de velhos. Curitiba: Ed. UFPR. 2013.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão [et. al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LIRA, Silvano Fidelis de. Memória, pesquisa e ensino de história: Pesquisa e prática de ensino, um diálogo possível. In: **Anais do IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil**”. Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa. 31/07 a 03/08/2012. Anais eletrônicos. ISBN: 978-85-7745-551-

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Revista Projeto História. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, n.10, 1993, pp. 07-28.

OLIVEIRA, Eliane Braga de**.** RODRIGUES**,** Georgete Medleg**.** As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica**.** In: **Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB: Diversidade Cultural e Políticas de Informação.** São Paulo: USP. 2008.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Sobre Memória e Sociedade**.Revista USP: São Paulo, n. 98, p. 87-94. Junho/Julho/agosto 2013.

SILVA, Giuslane Francisca da. **Resenha: HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva.** Aedos, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-18, maio, 2003. ISSN 2316-3852.

# UERN. Programa de Pós-graduação em Letras/PPGL. Linhas de Pesquisa (2017). Disponível em ‹ propeg.uern.br › Acesso em 24 de setembro de 2017.

# UFMG. Curso de Pós-Graduação em Letras da FALE/UFMG. Linhas de Pesquisa (2017). Disponível em ‹ https://poslit.letras.ufmg.br/›. Acesso em 24 de setembro de 2018.